

Silvana Maria Bittencourt

Edina da Silva Ferreira

Maria Eduarda Cerqueira Rocha

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Grupo de Trabalho 1:

A docência de Ciências Sociais/Sociologia no mundo digital: as metodologias de ensino em Ciências Sociais na educação básica

Ensino Médio e aulas de Sociologia em Cuiabá em tempos da pandemia da Covid-19

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

O presente trabalho¹ busca investigar como a aprendizagem tem sido vivenciada por alunos/as e professores/as de ensino médio de escolas públicas em Cuiabá (MT), a partir do cenário da pandemia da Covid-19, visando compreender as táticas de ensino-aprendizagem desenvolvidas por professores/as diante deste contexto de crise sanitária mundial. A metodologia utilizada consistiu em revisão bibliográfica de autores/as da Sociologia da Educação e estudos publicados sobre Educação e Covid-19 ao longo de 2020 e 2021; foram realizadas entrevistas *online* a partir de questionários semiestruturados aplicados via *Google Meet* e *Google Forms*.

Considerando a pandemia do novo Coronavírus e sua expressiva disseminação e letalidade, em março de 2020 em Cuiabá as escolas tiveram que suspender suas atividades presenciais e substituir por aulas remotas, recorrendo-se às tecnologias da informação e comunicação (TICS).

É importante ressaltar, a princípio, que o objeto ao qual estamos analisando, encontra-se em um contexto de ensino remoto, que se difere do ensino à distância (EaD), por não ter o planejamento e a premissa de que todos/as os envolvidos/as nesta modalidade de ensino dispõem de preparo e ferramentas para executá-lo (CHARCZUKI, 2020). Tendo em vista o caráter peculiar deste contexto pandêmico, que estamos vivenciando esta pesquisa se enquadra na necessidade de desvendar as estratégias, os efeitos e as dificuldades decorrentes, bem como da acentuação de desafios educacionais já antecedentes deste cenário caótico que vivemos desde março de 2020.

Buscou-se analisar as relações entre família e escola no processo de ensino e aprendizagem, bem como as condições infra estruturais e suas implicações no contexto da pandemia da Covid-19 dos/as alunos/as de Ensino Médio; investigar as relações ocorridas no ambiente familiar para o aprendizado escolar dos/as alunos/as, assim como a relação destes/as com os meios digitais de aprendizagem; Compreender como as relações na família e na escola ocorrem e se desenvolvem a partir do uso das novas tecnologias, se há condições de aquisição e conhecimento para o uso destas neste contexto da pandemia e as condições de trabalho do/a professor/a.

¹O trabalho é fruto do Projeto de Pesquisa intitulado: "Escola e Família: Estudos sobre influências na aprendizagem dos alunos em Cuiabá – MT"; sendo que as alunas Edina da Silva Ferreira e Maria Eduarda Cerqueira Rocha participam deste projeto como bolsistas por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sendo que seus planos de trabalho tem como foco a problemática da educação básica no contexto da pandemia causada pelo Novo Coronavírus (SARS-CoV-2).

Os resultados da pesquisa apontam que além da acentuação das desigualdades sociais entre os/as estudantes de ensino médio e o discurso negacionista diante da gravidade e a falta de tratamento eficiente comprovado cientificamente para a doença (CAPONI, 2020); também se constatou neste estudo a vivência deste cenário na educação a partir da construção de novas relações de ensino-aprendizagem promovidas pelo uso das TICs, analisando que os/as professores/as e os/as alunos/as tiveram que criar novas formas de interação, logo se constatou que o acesso e o saber usar as TICs apresenta-se como indispensável para a educação escolar na pandemia.

Constatou-se que a suspensão das aulas presenciais e a substituição por aulas remotas trouxe diversos desafios e perspectivas para professores/as e alunos/as vivenciar a educação a partir da introdução do uso de TICs. A intensificação das desigualdades de classe e de gênero apresentam-se evidentes neste cenário, onde os capitais culturais objetivados dos/as estudantes podem fazer diferença em seus desempenhos escolares (OLIVEIRA, 2020).

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

O início da pesquisa foi marcado por uma busca pormenorizada de dados, publicações, notícias acerca da relação entre a pandemia do novo coronavírus e os impactos na educação. Constatamos que até meados de setembro de 2020, artigos científicos no contexto brasileiro ainda eram escassos, o que tínhamos disponíveis eram boletins, leis, decretos municipais e informativos sobre ações governamentais, geralmente oriunda dos próprios Estados, dado o conflito de opiniões e lentidão do Governo Federal em criar medidas de combate à pandemia.

Tendo em vista um fenômeno de dimensão mundial e os efeitos nunca vivenciados, foi preciso tempo para formular os impactos descomunais causados em virtude dos inúmeros fatores decorrente da pandemia na educação. De mais difícil apreensão ainda, considerando que nos encontramos em uma pandemia e sem perspectiva de superação do colapso sanitário em que vivemos.

Deste modo, a primeira etapa da pesquisa se deteve no levantamento de referências bibliográficas e dados quantitativos e qualitativos referente à educação,

família e a pandemia da Covid-19. Os dados secundários analisados nesta primeira fase da pesquisa apontaram para questões como intensificação das desigualdades de acesso ao ensino de qualidade; a falta de preparo do/a professor/a para trabalhar na modalidade do ensino remoto (dado a inexperiência e por não ter uma formação adequada para o manuseio das TICs); as condições de trabalho docente; a carência dos/as alunos/as em relação aos recursos mínimos necessários, como *internet*, aparelhos celulares, *notebook*, computadores; espaços adequados para o estudo ou mesmo alguém que pudesse auxiliar e acompanhar de perto os processos de aprendizagem (FURLIN, 2020; MACEDO, PARREIRAS, 2020; OLIVEIRA, 2020).

Considerando a pandemia do novo Coronavírus e sua expressiva disseminação e letalidade, as escolas tiveram que suspender as atividades presenciais e substituir por aulas remotas, recorrendo-se às tecnologias da informação e comunicação (TICs). É importante ressaltar, no entanto, que este modelo se diferencia da modalidade do ensino à distância. O ensino remoto é uma medida emergencial em virtude da impossibilidade de frequentar as escolas, já o ensino à distância é amplamente planejado e conta com uma estrutura para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. O que ambos têm em comum é a utilização dos recursos digitais, contudo, a “modalidade a distância está ancorada em pressupostos teóricos-conceituais, que sustentam a prática didático pedagógica e estão articulados com recursos digitais utilizados e sua forma de uso” (CHARCZUKI, 2020, p. 4). Além de diversos outros elementos ponderado na criação dos projetos dos cursos à distância: “estrutura física disponível, planejamentos para formação e acompanhamento de tutores presenciais e a distância, bem como professores/as formadores/as e equipes envolvidas na produção de materiais” (JESUS, 2020).

Isto é, o ensino à distância está estruturado para ocorrer de modo a alcançar objetivos previamente estabelecidos por meio de caminhos estrategicamente definidos. O ensino remoto, quando muito, visa a transferência e adaptação das aulas dadas nas salas físicas para os meios digitais de ensino. É executada de maneira provisória, justamente em decorrência dessa falta de preparo para que toda a equipe educacional dispusesse de ferramentas e formação em TICs adequada para lidar com elas no exercício de seus trabalhos.

A segunda etapa da pesquisa, desenvolvida já no ano de 2021, deparou-se com vastas publicações, como livros, artigos, publicações em revistas, periódicos, as constantes notícias nas mídias televisivas e digitais. Nas consultas realizadas, a família aparece como uma das categorias indispensáveis para compreensão do contexto que estamos vivenciando, uma vez que o domicílio dos alunos passou a constituir o principal espaço de ensino formal, onde o que se tem é a “sala de aula invertida”, mas sem a possibilidade de acessar o espaço físico da escola.

Deste modo, para compreender as estratégias elaboradas pelos/as alunos/as para lidar com o ensino remoto, é necessário estender a análise aos seus familiares e ao ambiente em que o ensino tem ocorrido.

Discute-se, primeiramente, a configuração da estrutura familiar, para qual existe uma grande variação de arranjos. Isto é, a família não é uniformemente formada por um núcleo pai/mãe/filhos. (FEVORINI, LOMÔNACO, 2009; ZAGO, 1994). Mas é composta por “pessoas vivendo juntas sem estarem casadas legalmente, vivendo sozinhas por opção, mulheres chefes de família, novas famílias compostas por pessoas que já foram casadas e com filhos de outros relacionamentos.” (FEVORINI, LOMÔNACO, 2009, p. 75). Acrescenta-se as famílias homoafetivas, dentre outras.

Independente da composição das famílias, os estudos realizados na área da Sociologia da Educação apontam para a importância da aproximação da relação entre esta instituição – primeira na socialização dos indivíduos – e a instituição escolar para o bom desempenho dos/as alunos/as (ibid., 76).

Como dito anteriormente, um dos pontos que aparecem nas pesquisas analisadas e nas entrevistas é a falta de recursos necessários para o desenvolvimento de uma aprendizagem satisfatória. Dentre estes “recursos”, a família é fundamental. É com apoio dos familiares que os/as alunos/as têm conseguido participar das aulas, seja no momento de acessar os conteúdos, - utilizam aparelhos celulares, *internet* de dados móveis dos pais -seja na hora de auxiliar na resolução das atividades.

Contudo, apesar da necessidade de analisar a família para alcançar os objetivos da nossa pesquisa, esbarramos na dificuldade de acessá-la, bem como de estabelecer uma aproximação com os/as alunos/as, de modo que as informações acerca do relacionamento

família-escola foram adquiridas por meio de entrevista com professores/as, sobre o que eles têm conhecimento e sobre a própria família dos/as entrevistados/as.

Quanto aos boletins, artigos e notícias a respeito do ensino básico no contexto pandêmico, destacamos o boletim de Oliveira (2020) intitulado: “As desigualdades educacionais no contexto da pandemia da COVID-19”, que reflete sobre as condições estruturais para um bom ensino à distância, este que envolve o relacionamento com o espaço domiciliar, seja para ter um ambiente adequado aos estudos, bem como o quanto deve-se doar às atividades domésticas e como este último tem incidência da desigualdade de gênero.

Para compreender como as desigualdades de acessos aos recursos para a aprendizagem se intensificam neste modelo de ensino remoto, Oliveira cita a obra *A Reprodução* (Bourdieu, Passeron, 2008 [1970]), afirmando que o “sucesso escolar” depende “de um conjunto de condições subjetivas e objetivas para a sua produção” (2020, p. 2). As condições objetivas são os recursos materiais. Já as condições subjetivas pode ser, por exemplo, o nível de capital cultural dos familiares responsáveis por acompanhar o estudo dentro de casa, ou ainda as questões de gênero.

Ter capital cultural significa dizer que: os pais estão familiarizados com os conhecimentos legitimados pela sociedade e transmitidos nas escolas, de modo que são capazes de auxiliar os/as filhos/as nas atividades. Conforme explica Bourdieu (2007, p. 41-42) “*cada família transmite a seus filhos [...] um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar*”.

Contudo, percebemos que nas falas dos/as professores/as, os pais não só não possuem tais conhecimentos como também não têm tempo de acompanhar as tarefas. A título de exemplo, em entrevista, uma professora trouxe o relato de uma mãe que questionava o fato “*das apostilas não conterem as respostas das atividades*”.

Sobre a categoria gênero, esse boletim traz proximidades com as falas de um professor que entrevistamos a respeito do exercício do ofício à distância e seu contexto familiar como pai e marido, em que assume a extrema importância da sua esposa frente a situação pandêmica, nos cuidados com o filho em que ele se sente “negligente”, além de se abster dos cuidados com a casa sobrecarregando a esposa.

Analizamos ainda a obra “Pedagogia da autonomia” (1996) de Paulo Freire, em que o eixo principal de discussão é sobre a reflexão da prática educativo-progressiva, que visa a autonomia do educando.

Uma das críticas freirianas sobre o ensino que se relaciona com o que observamos na educação à distância é sobre a precipitação de que a escola é uma instituição para todos. Pois, se a realidade escolar faz parte da realidade social, que é desigual, ela é um reflexo disso também, dispensando o caráter da horizontalidade no que diz respeito a construção do conhecimento do “outro”.

Para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra é necessário uma série de condições materiais, tais como um espaço físico funcional, com energia e outros elementos de estruturas mínimas para habitação. Além de instrumentos como: apostilas, cadernos, canetas etc. Olhando para o contexto da pandemia esses instrumentos são substituídos em partes e levado para o território doméstico. Este que exige, computadores, *internet*, e demais aparelhos que possibilitem o contato à distância, bens materiais e conhecimentos imateriais para o uso desses bens, que não são consenso para todos os estudantes e professores.

Em um mapeamento de produção acadêmica sobre o ensino-aprendizagem em tempos de pandemia trabalhamos o reconhecimento da situação educacional no ensino básico. Com a entrevista teve-se um contato direto com um dos personagens desse contexto, vendo como um homem, branco, professor de sociologia e pai se vê nesse meio, recapitulando um pouco dos tipos de educação sociológica que tivemos de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) até o momento. Nos colocando a refletir sobre o limite de saúde física e mental desses/as professores/as. Além do despreparo, seja em termos de condições de ferramentas materiais de estudos ou organização, e muitas das vezes ambos, como a família de um estudante do ensino básico e professores do ensino básico.

Nas entrevistas realizadas, o que mais se acentua é o despreparo dos/as professores/as para atuar no ensino remoto. O trabalho remoto significou uma carga em cima da sobrecarga do trabalho docente. Soa redundante, contudo, foi desta forma que uma professora definiu. Segundo ela, o trabalho docente sempre teve excessos de afazeres, mas tem aumentado significativamente neste contexto.

O tempo de pesquisas de materiais, da busca por melhores metodologias, de preparo de aula que sempre existiu, agora inclui adaptação para transmissão *online*, criação de material didático para as apostilas, - que é examinado pela Secretaria de Educação, quando reprovado deve ser refeito – aplicações e correções de atividades, atendimento em tempo integral das demandas dos/as alunos/as via aplicativos de mensagens.

Não obstante, os/as professores/as relatam as precárias condições físicas e psicológicas na qual estão tendo que trabalhar. As problemáticas apontadas na transferência da sala de aula para o lar aparecem não só para os/as alunos como também para os/as professores/as.

Aparecem relatos sobre o espaço inadequado para preparação/gravação de aulas, custeios com equipamentos que possibilitem entregar o conteúdo com o mínimo de qualidade – *notebook*, celular, microfone, troca de operadora de *internet* etc. Bem como o aumento nos gastos com as despesas domésticas, em virtude do maior tempo que se tem passado em casa. Além de ter que dividir o material e espaço com demais pessoas da casa e falta de capacitação adequada para lidar com as ferramentas de ensino.

Tal despreparo é fonte de sofrimento entre os/as professores/as, sendo um dos geradores de insegurança sobre a forma de se trabalhar, pensamentos como: se está sendo eficaz e bem aproveitada por ambas as partes, professores/as e alunos/as o ensino; como melhorar esse contato que foi distanciando e entender as necessidades dos/as alunos/as; como otimizar o tempo de trabalho e evitar uma sobrecarga, foram recorrentes em conversas com os professores. Isso fica claro na fala de um dos professores entrevistados em que diz:

A ansiedade definitivamente é uma unanimidade entre os professores. Sentimento de estar fora do ritmo. A flexibilização dos professores e o custo da organização disso. Não só os professores como os alunos estão muito cansados. Os alunos que tiveram o processo de luto por ter pessoas próximas que morreram de COVID acaba desistindo (Professora M. entrevistada/2021).

Outra queixa comum foi a falta de rede de apoio para o corpo docente, tanto da escola quanto do governo vigente, em que se não bastasse essa ausência houve também

uma pressão de demonstrações que o trabalho estava ocorrendo de fato, tais como relatórios, gravações de aulas etc.

Acompanhou-se aulas virtuais de Sociologia, que ocorriam via aplicativo de mensagens, em que no horário da aula os/as professores/as faziam uma breve exposição do conteúdo por áudio ou escrita, depois disponibilizava o material no formato de PDF para que fossem feitas as atividades relativas ao tema da aula, e se colocavam disponíveis durante esse período para tirar dúvidas. Em uma breve conversa com a professora colaboradora, ela revelou que não considerava como uma aula de fato por não ter uma interação direta com os alunos e não tão somente, muitas das vezes não havia nenhum contato com eles.

Sobre a ausência dos/as alunos/as nas salas virtuais, a solidão dos/as professores/as se aflorou, pois, em muitas vezes ao dar a aula “para ninguém”, uma dúvida que pairou foi se isso advém de uma falta de acesso ou de um desinteresse com o formato da aula, poderíamos constatar que foi ambos os casos.

No entanto, também tivemos dificuldades de ter acesso aos alunos e a família deles, apesar da sala de aula estar localizada em um meio virtual que adentra o domicílio, aí mora contradição de falta de acesso a esses familiares responsáveis pela rede de suporte do/a estudante. Indica um dos “culpados” por esse sumiço, que nas aulas presenciais também não se fazia muito diferente, por terem tido a opção dos/as alunos/as retirarem as apostilas – feitas pelos próprios professores – nas escolas e as entregam preenchidas em uma data combinada, mas nem todas têm o devido preenchimento, mesmo assim, a presença e participação em sala são contabilizadas. Ou seja, mais um elemento para se juntar a soma de um cenário difícil de trabalhar a interação entre a instituição familiar e a escola.

Diante dessa fração mato-grossense de um panorama escolar em tempos de Covid-19, é latente pensar como ao longo da história a construção de um modelo de ensino brasileiro se manteve com as estruturas principais fincadas em um esquema expositivo. Este que cerceia a vivência educacional em sua plenitude, e como isso é ainda mais explicitado pelo fato da ausência de grande parte dos estudantes e de como aqueles/as participam dessas aulas remotas.

Eles têm receio de ligar a câmera e o microfone, o que para os/as professores/as pode ser um risco de retaliação e ataques ao conteúdo da aula, para os/as alunos/as, ao

que parece, é uma espécie de introspecção e às vezes acompanhada por vergonha de sua imagem, quanto apresentação de sua casa ou o local em que assistem as aulas.

Como o lugar do/a aluno/a é um espaço pouco adentrado no sentido de quem é; onde mora; com quem convive; o que pensa; o que já tem de conhecimento sobre o assunto abordado em aula, entre outras questões como entender então esse espectador que deveria ser um interlocutor do processo educacional com tantas barreiras? Se antes Bourdieu e Passeron (1970) indicava o capital cultural como um muro entre o espaço familiar e o espaço escolar, este está sendo sobreposto por falta de imagem e som desse/a aluno/a, de sua figura física de ser e agora é apenas um avatar anônimo em uma tela de computador, que muitas vezes, se comunica apenas com alguns caracteres no *chat*.

Com relação a isso, quando questionamos os/as professores/as sobre a percepção que estão tendo da participação dos/as alunos/as e da qualidade do ensino nesta modalidade, no geral eles/as demonstraram insatisfação, principalmente em virtude da baixa participação. Acostumados/as com uma sala de aproximadamente trinta alunos, estão “trabalhando” agora com oito ou menos, contando os que fazem as atividades, nem todas, e mesmo não acompanhando as aulas com frequência.

A partir das falas dos/as entrevistado/as, podemos concluir que, apesar de já existir inúmeras publicações a respeito da pandemia e seus reflexos na educação, ainda será preciso muito para compreendermos os reais impactos na qualidade de ensino nos tempos do novo coronavírus. Os/as alunos/as têm participado ativamente das aulas e das atividades?

O percentual de participação foi muito baixo, sendo que em uma sala onde havia 30 alunos matriculados geralmente só 8 ou 10, no máximo 15 acompanhavam as aulas e na maioria das vezes sem participação efetiva das aulas. (professor de sociologia)

Não. Na verdade, pouco fazem. Muitos foram os casos de aluno pegar apostilas e devolver em branco. Mesmo com esta conduta, embora não dita oficialmente, na maioria dos conselhos que participei nas escolas que estava (em 2020 estava em 4 escolas para trabalhar 20 horas em sala) foi convencionado dar 6,0 para todos. (professora de sociologia)

Não. A minoria tem participado e entregado atividades. Ano passado tinha turmas com mais de 30 alunos em que apenas um ou dois estudantes participavam das vídeo-chamadas. No caso dos alunos das apostilas impressas (modelo chamado de off-line pela SEDUC), muitos não retiravam e nem entregavam as apostilas, outros entregavam em branco. (professora de sociologia)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se evidencia nestes tempos de distanciamento social é o impacto da falta de interações entre membros da comunidade escolar, o que inclui o alunado e sua família, o corpo docente e a equipe pedagógica da instituição escolar. Apesar de haver comunicação mediada pelas TICS, tem baixa adesão por parte dos estudantes em detrimento do difícil acesso a essas ferramentas. Sendo assim, a pesquisa esbarrou em obstáculos que inviabilizou o contato com estes/as estudantes e seu núcleo familiar, de modo que só foi possível apreender suas estratégias e aprendizagem no ensino remoto na medida em que participaram das aulas, e ainda assim, as informações que temos são oriundas dos relatos dos professores. Pois muito embora houvesse a participação dos alunos, em muitas salas se faziam de maneira mínima, o que explicitava que antes mesmo dessa situação atípica de processo educacional as estratégias pedagógicas já estavam um pouco estacionadas para sensibilizar os alunos e com o ensino remoto essas barreiras se enrijeceram ainda mais.

O empreendimento de analisar como tem se dado o processo de ensino-aprendizagem no contexto da pandemia do Novo Coronavírus passa por várias etapas, uma delas requer a participação dos alunos para que compreendamos a partir das suas próprias falas e suas experiências. Mas, se nem mesmo os professores que estão diretamente conectados com eles – ou ao menos deveriam, se o acesso a esse campo de encontro não fosse tão dificultoso - através da escola os tem alcançado, a dificuldade, para nós, pesquisadoras, que pudemos acompanhar apenas algumas semanas de aula, apresentou-se em proporções ainda maior.

O que se pode concluir é que, ainda que o ensino presencial tradicional apresente problemas estruturais no que tange a comunicação pedagógica e o seu exercício, ainda é a melhor possibilidade para a construção do conhecimento de modo mais abrangente e democrático. Pois proporciona um espaço presencial em que o contato com o outro faz-se fundamental como instrumento de atenção e envolvimento de aprendizado.

Mais uma vez retomando o clássico da educação, Bourdieu (2007) a sociedade em que vivemos, possui grande desigualdades de classe e essas ainda são perpetuadas pela

instituição escolar, no que diz respeito a linguagem formal dela contempla aqueles que possuem o capital cultural socialmente aceito, que é o das classes dominantes.

Posto isso, o ensino remoto torna-se a linguagem digital socialmente aceita pelo processo educacional, no entanto, até mesmo para se comunicar dentro desse espaço é necessário de antemão ter os meios infraestruturais para que se possa fazê-la. Como visto no decorrer dos meses de pandemia, na rede pública de ensino o acesso a esses instrumentos se fez de maneira escassa.

E isto vale até mesmo para o ensino híbrido, configura-se então, um sistema de exclusão social ainda maior que o formato de ensino presencial, em virtude daqueles que antes iam de carro para a escola e o colega ia a pé, ambos os alunos chegavam ao mesmo ponto que era escola, sentados em carteiras lado a lado, comendo a mesma merenda e utilizando o mesmo banheiro. Com a virtualização do ensino, isso já não é mais possível, quem não tem internet, computador ou celular, fica a ver navios no processo educacional, por mais que eles ofertem a apostila impressa o mais importante do ensino-aprendizagem que é a troca entre o aluno e o professor se perde, ou seja, quase nada é apreendido.

Entende-se que o ensino é feito de maneira coletiva, com diversas disciplinas simultaneamente, com o contato com os seus pares de mesmo nível de aprendizagem, a relação com o professor, dentre outros fatores. Ver adolescentes enfrentando o conhecimento do novo de maneira solitária, definitivamente não cumpre a totalidade que deve ser o ensino básico.

O uso das tecnologias da informação e comunicação, é indispensável para dar continuidade do ensino neste contexto, em razão se tratar não só de uma alternativa para educação, mas também um meio de preservarmos vidas e nos protegermos de uma doença avassaladora em que temos poucos recursos de proteção ofertado pelo atual Governo Federal.

Essas tecnologias, possibilitaram-nos compreender as adversidades presente no ensino presencial e ilustrou outras possibilidades de ensino, que podem ser aliadas à uma organização macroestrutural de políticas de acesso, de capacitação profissional e outros subsídios. Se encararmos como colaboradoras e adjuntos ao processo educacional pode significar um avanço na busca por uma educação de qualidade que contemple diversos aspectos de sensibilização que apenas o quadro em branco e canetão, tão somente, não conseguem alcançar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa, 1970.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. 34 (99), p. 209-223, 2020.

CHARCZUKI, S.B. **Sustentar a transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia**. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 45, n4, e109145, 2020.

FEVORINI, L.B., LOMÔNACO, J.F.B. **O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias**. Psic. da Ed., São Paulo, 28, 1º sem. de 2009, pp. 73-89. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43103>> acesso em 27 de maio de 2021

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**; saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. do Sul Porto Alegre, Brasil.

JESUS. S. C. **Educação e tecnologias digitais em tempos de pandemia**. Ciências Sociais e coronavírus 15 de maio de 2020 Boletim n.41

OLIVEIRA, A. **As desigualdades educacionais no contexto da pandemia do COVID**. Boletim n.85 - Ciências Sociais e coronavírus, 19. 16 de julho de 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2417-boletim-cientistas-sociais-n-85>. Acessado em 02/02/2021.

PARREIRAS, C.; MACEDO, R.M. **Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas.** Boletim n.36. ANPOCS, 2020. Disponível em <<http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2350-boletim-n-36-cientistas-sociais-e-o-coronavirus#>> Acesso 17/11/2020.

ZAGO, N. **Relação escola-família: elementos de reflexão sobre um objeto de estudo em construção.** Revista de ciências Humanas. Florianópolis, v.12 n. 16, p.11-25, 1994.